



GESTÃO REGENERATIVA | PASTOREIO

THE LAND GROUP: GERIR PARA RECUPERAR VALOR

NESTA ENTREVISTA À RUMINANTES, GONÇALO PEREIRA MIGUEL, RESPONSÁVEL PELAS OPERAÇÕES DA THE LAND GROUP NA PENÍNSULA IBÉRICA, EXPLICA POR QUE MOTIVO PORTUGAL, E EM PARTICULAR O MONTADO, ESTÁ NO RADAR DA EMPRESA. EM DESTAQUE ESTÃO OS DESAFIOS DA PECUÁRIA EXTENSIVA, A GESTÃO REGENERATIVA E O POTENCIAL DE UMA ABORDAGEM MAIS PLANEADA AO PASTOREIO. **Por** Ruminantes | **Fotos** The Land Group



Gonçalo Pereira Miguel, responsável pelas operações da The Land Group na Península Ibérica

Quem é a The Land Group?

A The Land Group foi fundada em 2016 por Francisco Roque de Pinho, português, e Joaquín Labella, uruguaio, na sequência de uma relação profissional iniciada alguns anos antes, em Londres.

Hoje, atua como gestora de património agrícola e de capital natural, bem como operadora de ativos agropecuários. Trabalha com investidores, family offices e proprietários de terra para adquirir e gerir explorações agrícolas, com o objetivo de as transformar em unidades mais produtivas, resilientes e sustentáveis.

Atualmente, gere cerca de 20.000 hectares na América do Sul e está em expansão na Península Ibérica, no Brasil e na Argentina. O seu foco está na identificação de explorações subgeridas ou degradadas, procurando melhorar o seu desempenho através da aplicação de um modelo próprio de pastoreio, o Precision Grazing, que combina gestão técnica no terreno, investimentos modulares em infraestruturas e melhoria das pastagens. A missão da The Land Group é demonstrar que boa gestão agrícola, desempenho económico e regeneração ecológica não

são objetivos incompatíveis. Pelo contrário, quando as explorações são bem geridas, estes fatores reforçam-se mutuamente, permitindo transformar terras mal geridas em ativos mais produtivos e valiosos no longo prazo.

A equipa da The Land Group tem experiência em vários países. Que tipo de projetos agrícolas e ambientais já desenvolveram internacionalmente?

A The Land Group desenvolveu o seu trabalho sobretudo na América do Sul, onde nasceu a sua operação direta, em particular no Uruguai, onde atualmente opera cerca de 20.000 hectares. Começou como gestora de ativos agrícolas, focada na reestruturação de investimentos mal estruturados ou mal geridos. Com o tempo, concluiu que a forma mais eficaz de transformar verdadeiramente estas propriedades era atuar diretamente na gestão das explorações, a partir da operação. Essa abordagem continua a ser um dos seus principais fatores distintivos. Embora existam vários gestores de investimento agrícola e diversos operadores no terreno, são poucos os que combinam gestão de capital com capacidade operacional direta, especialmente no setor pecuário. Ao longo da última década, a The Land Group esteve envolvida na reestruturação de investimentos agrícolas que representaram cerca de 140.000 hectares no Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Esses



projetos abrangeram diferentes tipologias, desde culturas anuais a projetos florestais e explorações pecuárias em pastagens naturais ou melhoradas, sendo esta última a principal área de especialização.

O que levou a equipa a olhar para Portugal como um lugar estratégico para desenvolver o vosso trabalho?

Portugal sempre esteve presente na história da The Land Group, não apenas porque um dos fundadores é português, mas também porque Francisco Roque de Pinho e Joaquín Labella viveram em Lisboa durante vários anos, enquanto acompanhavam as operações na América do Sul. Com o passar do tempo, tornou-se natural ponderar o desenvolvimento de atividade em Portugal, onde existem herdades com dimensão relevante a pouca distância de Lisboa. Inicialmente, foram analisados diferentes tipos de investimento agrícola, como olival, amendoal e modelos mais intensivos de sobreiro. Mais tarde, surgiu a ideia de adaptar ao contexto português o modelo de gestão desenvolvido no Uruguai. Esse processo começou em 2024, com um trabalho realizado em conjunto com a AGROGES, que ajudou a ajustar o modelo à realidade agrícola portuguesa e, em particular, ao montado. Mas o interesse por Portugal não se explica

apenas por esta ligação histórica. O país reúne condições agrícolas, ecológicas e institucionais muito particulares. Por um lado, possui um património agrosilvopastoril extraordinário, com paisagens como o montado, únicas na Europa, onde coexistem produção pecuária, árvores e biodiversidade. Por outro, muitas destas áreas encontram-se hoje subgeridas, devido a lacunas de gestão agronómica, transições geracionais difíceis, falta de mão-de-obra qualificada e margens agrícolas historicamente reduzidas. Acresce que o enquadramento político europeu está cada vez mais alinhado com práticas agrícolas regenerativas, através da Política Agrícola Comum, das políticas de restauração da natureza e do desenvolvimento de novos mercados ligados ao capital natural. Para um país como Portugal, que dificilmente competirá em volume na produção pecuária global, isso pode representar uma oportunidade para produzir alimentos de elevada qualidade, com níveis de sustentabilidade muito difíceis de igualar.

Em Portugal, porque escolheram trabalhar em particular com sistemas como o montado?

Escolhemos trabalhar com o montado por acreditarmos que se trata de um dos

modelos agrícolas mais interessantes e, ao mesmo tempo, mais subvalorizados da Europa.

O montado é uma realidade agroflorestal única, onde árvores, pastagens e produção pecuária coexistem no mesmo ecossistema. Essa combinação cria uma estrutura produtiva muito rica do ponto de vista ecológico, com elevados níveis de biodiversidade, mas também com grande potencial quando é bem gerida.

É ainda particularmente interessante pela sua diversidade. Numa única herdade podem coexistir várias unidades de negócio — pecuária extensiva, produção de cortiça, pinhão, caça ou outras atividades complementares —, o que contribui para diversificar rendimentos, reduzir o risco da operação e aumentar a resiliência face a choques climáticos ou flutuações de mercado.

Ainda assim, muitos montados enfrentam desafios importantes. Em numerosas propriedades observam-se solos com baixos níveis de matéria orgânica, gestão do pastoreio pouco estruturada, excesso de matos e árvores envelhecidas. Em muitos casos, não se trata de falta de potencial, mas sim de décadas de gestão pouco adaptada às condições ecológicas do território.

Na visão da The Land Group, a pecuária



pode desempenhar um papel central na regeneração do montado. Quando o pastoreio é bem planeado, pode ajudar a melhorar a fertilidade do solo, estimular a regeneração das pastagens, reduzir a pressão dos matos e apoiar o estrato arbóreo, ao mesmo tempo que gera rendimento para a exploração.

Quando analisam o estado atual de muitos sistemas agrícolas extensivos em Portugal, que desafios ou padrões observam com mais frequência?

No entendimento da The Land Group, a agricultura portuguesa carece, em muitos casos, de uma estratégia clara de longo prazo. Continuam a prevalecer modelos produtivos fortemente dependentes de recursos externos, quando talvez fosse mais vantajoso estruturar a atividade agrícola em torno dos recursos naturais já existentes no território.

No caso da pecuária extensiva no Alentejo, identificam-se alguns padrões recorrentes. Um deles é a grande variabilidade no nível de profissionalização e de conhecimento técnico na gestão das explorações. Em muitos casos, as propriedades continuam a ser geridas com base em práticas tradicionais, com alguma resistência à adoção de novas abordagens.

Do ponto de vista do pastoreio, muitas

explorações continuam a funcionar em regime contínuo ou com rotações muito simples. Também é frequente encontrar raças de grande porte e bastante exigentes em termos nutricionais, nem sempre totalmente adaptadas às condições edafoclimáticas do território. Isso tende a aumentar a pressão sobre os recursos forrageiros e a dependência de forragens conservadas, rações e suplementos externos.

Outro aspeto particularmente relevante é a forma como o solo continua a ser negligenciado. O solo é, na realidade, o verdadeiro capital produtivo de uma exploração agrícola e a base de toda a atividade. No entanto, a gestão da fertilidade, da matéria orgânica e da sua estrutura nem sempre recebe a atenção devida, sendo frequentemente um dos principais fatores limitantes da produtividade dos sistemas pecuários extensivos.

Que impactos pode ter essa situação — tanto para os produtores como para os solos e ecossistemas?

Para a The Land Group, muitos destes problemas reforçam-se mutuamente e criam uma espiral negativa, tanto do ponto de vista económico como ecológico.

Quando o pastoreio é contínuo, torna-

-se muito difícil fazer uma verdadeira gestão das pastagens. Ora, a pastagem é provavelmente o recurso mais importante de uma exploração pecuária extensiva e, ao mesmo tempo, o alimento mais barato que um produtor pode gerar.

Num mercado como o da carne, em que o produto final é essencialmente uma commodity, o produtor tem pouco controlo sobre o preço de venda. O que pode controlar são os custos de produção. Por isso, a eficiência na utilização das pastagens deveria ser uma prioridade central.

No entanto, é frequente a atenção concentrar-se noutros fatores, como o peso do bezerro ao desmame ou o preço de venda dos animais, enquanto os custos de produção recebem menos atenção. O resultado é, muitas vezes, uma estrutura produtiva com custos elevados, forte dependência de alimentação externa, taxas de fertilidade relativamente baixas e pastagens progressivamente degradadas. No fundo, muitos destes problemas têm uma origem comum: o estado do solo.

Quando os solos perdem matéria orgânica, estrutura e atividade biológica, a infiltração de água diminui, o desenvolvimento radicular das plantas fica limitado e as pastagens deixam de conseguir expressar todo o seu potencial. Com o tempo, isso torna as explorações mais vulneráveis

à seca, a eventos climáticos erráticos e a diferentes pressões biológicas, comprometendo a sua sustentabilidade produtiva, financeira e ecológica.

A The Land Group fala frequentemente em gestão regenerativa. O que significa, na prática, este conceito?

Para a The Land Group, a agricultura regenerativa é, acima de tudo, uma forma de olhar para a exploração agrícola. É uma lente através da qual se analisam os solos, as plantas, os animais e a própria economia da unidade produtiva, procurando melhorar o funcionamento do conjunto.

A The Land Group não encara a agricultura regenerativa como um conjunto rígido de práticas nem como uma abordagem ideológica. O foco está em aplicar métodos que, de forma comprovada, aumentem a sustentabilidade das explorações em várias dimensões: económica, ambiental e social.

Na prática, isto significa procurar modelos produtivos que regenerem os recursos naturais de que dependem. No caso da pecuária extensiva, isso passa muitas vezes por melhorar a gestão do pastoreio, aumentar a fertilidade e a atividade biológica dos solos, reforçar a biodiversidade das pastagens e reduzir a dependência de fatores de produção externos.

Quando estes processos naturais funcionam melhor, a exploração torna-se mais produtiva, mais resiliente e mais eficiente do ponto de vista económico. É por isso que, para o grupo, a agricultura regenerativa não é apenas uma questão ambiental, mas também uma forma de construir explorações mais robustas e sustentáveis no longo prazo.

Um dos pilares do vosso trabalho é o pastoreio bem planeado. Como funciona este modelo e o que o diferencia do pastoreio convencional?

Trata-se de uma forma mais pragmática e técnica de gerir a relação entre o animal, a planta e o solo.

Num modelo convencional, os animais permanecem longos períodos na mesma área, o que faz com que certas plantas sejam sobrepastoreadas enquanto outras ficam subutilizadas. Com o tempo, isso enfraquece as pastagens, reduz a sua produtividade e contribui para a degradação do solo.

No modelo defendido pela The Land Group, procuram-se gerir três fatores

fundamentais: a intensidade do pastoreio, o tempo que os animais permanecem numa determinada parcela e o período de recuperação de que as plantas necessitam antes de voltarem a ser pastoreadas, variando em função da época do ano e da curva de produção das pastagens em cada clima.

Na prática, isso traduz-se numa divisão cuidada das áreas de pastagem e numa rotação mais frequente dos animais entre parcelas. O objetivo não é apenas alimentar os animais, mas também estimular o crescimento das plantas, melhorar o ciclo de nutrientes no solo e manter uma cobertura vegetal saudável ao longo do tempo.

Quando este modelo é bem implementado, as pastagens tornam-se mais produtivas e diversas, os solos ganham matéria orgânica e capacidade de retenção de água, e a exploração passa a depender menos de alimentação externa.

Ao longo dos últimos anos, o grupo foi desenvolvendo e refinando o seu próprio modelo de gestão de pastagens, a que chama Precision Grazing, com o apoio de especialistas e consultores internacionais, como Pablo Etcheberry. Hoje, apresenta-o como um modelo escalável e replicável, assente numa combinação de infraestrutura modular, princípios de planeamento do pastoreio e regras de gestão adaptadas a cada contexto ecológico e produtivo.

Que potencial veem nos sistemas agrícolas portugueses se forem geridos com estas abordagens regenerativas?

A The Land Group considera que existe um potencial muito significativo para melhorar o desempenho das explorações pecuárias portuguesas através de uma melhor gestão das pastagens. Com um pastoreio bem planeado, é possível aumentar a produtividade, reduzir a dependência de alimentação externa e tornar as explorações mais resilientes às variações climáticas.

Existe também potencial para aumentar o encabeçamento por hectare, um dos fatores mais determinantes na rentabilidade de uma exploração pecuária extensiva. Se for possível melhorar simultaneamente a produtividade das pastagens e a saúde dos solos — nomeadamente através de maiores níveis de matéria orgânica, melhor estrutura e maior capacidade de retenção de água —, torna-se viável sustentar mais animais por

hectare sem aumentar proporcionalmente os custos de produção.

Mas esse potencial não depende apenas das pastagens. A genética animal também pode desempenhar um papel importante. Na opinião da The Land Group, existe margem para desenvolver, dentro das raças existentes ou através de cruzamentos, animais mais eficientes, mais precoces, mais férteis e com menores exigências em termos de volume e qualidade de forragem.

Também ao nível da gestão produtiva dos efetivos há margem de progressão, por exemplo na organização da época reprodutiva, na definição de critérios de seleção e refugo ou na adoção de práticas como o desmame precoce. A combinação entre solos mais produtivos, pastagens melhor geridas, animais mais adaptados ao contexto mediterrânico e uma gestão pecuária mais eficiente pode representar um salto significativo na produtividade e na sustentabilidade da pecuária extensiva em Portugal.

Que mensagem gostariam de deixar aos agricultores e ao setor agrícola português que ainda não conhecem o trabalho da The Land Group?

A principal mensagem que o grupo pretende deixar é de abertura e colaboração.

A agricultura portuguesa tem um enorme potencial, sobretudo em realidades como o montado. Existem recursos naturais muito próprios e uma tradição pecuária relevante, mas também espaço para evoluir em termos de gestão, eficiência produtiva e valorização destas explorações.

O objetivo da The Land Group não é substituir o conhecimento local, mas contribuir para o desenvolvimento do setor, trazendo experiência internacional, novas ferramentas de gestão e uma abordagem fortemente centrada na eficiência biológica e económica das explorações.

O grupo acredita que o futuro da agricultura portuguesa passará cada vez mais por modelos produtivos capazes de trabalhar com os recursos naturais do território e, ao mesmo tempo, de ser competitivos do ponto de vista económico. Se for possível combinar o conhecimento acumulado pelos agricultores portugueses com novas abordagens de gestão e uma visão de longo prazo, a pecuária extensiva em Portugal poderá tornar-se uma referência de produtividade, qualidade e sustentabilidade na Europa. 🌱